
A Boca que Fala, Sangra, Negra: os lábios da Beata Maria de Araújo para a Comunicação Possível¹

Francisca Ayanny Pereira COSTA²

Elane Abreu de OLIVEIRA³

Universidade Federal do Cariri, UFCA, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O presente recorte faz parte de uma pesquisa que abrange perspectivas convergentes sobre o que o signo “boca” na figura da Beata Maria de Araújo pode representar num aspecto comunicacional. O estudo é vinculado ao projeto de pesquisa “Imagens límbicas na comunicação: arquivos, ficções e im-possibilidades afrodiaspóricas na fotografia” cujo interesse é identificar vestígios e ruídos históricos em torno de imagens de mulheres negras cearenses. A história da beata é obscurecida e relegada à irrelevância, condenando o seu milagre, que dos seus lábios verteram mais do que sangue: foi sua não-voz de mulher negra. Ouvi-la através dos rastros e do que não é comunicável é um meio para observar outras mulheres não-comunicáveis cujas bocas foram seladas.

PALAVRAS-CHAVE: Boca; Beata Maria de Araújo; Comunicação; Mulher negra..

INTRODUÇÃO

Sucedeu, porém, que na primeira sexta-feira de março do ano de mil e oitocentos e oitenta e nove [1º de março de 1889], estando Maria de Araújo com outras mulheres na mesa da comunhão, ao receber a hóstia, esta se transformou em tanto sangue que extravasou da boca e se alastrou por cima da murça, derramando-se sobre a roupa que trajava, chegando a gotejar no chão em grande quantidade. Daí então não pôde mais ocultar o fenômeno que se tornava tão patente e principalmente porque ela ficava em êxtase por muito tempo. (PINHEIRO, 2010, trecho extraído do site O Berro)

Essa existência não é minha, mas preciso comunicá-la porque através dela posso alcançar tantas outras que se perderam ou são apagadas pela forma como a comunicação se configura atualmente. Não componho essa comunidade. Nem por ser mulher ou por acreditar em suas verdades. Eu sou mulher branca e este fato limita a minha percepção sobre a densa realidade desta “mulherzinha pequena e cafuza, de lábios grossos e

1 Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

2 Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFCA e Bolsista de Iniciação Científica pela UFCA, email: ayanny.costa@aluno.ufca.edu.br.

3 Coautora e orientadora do trabalho, professora do Curso de Jornalismo do IISCA-UFCA e doutora em Comunicação e cultura pela ECO-UFRJ, email: elane.abreu@ufca.edu.br

carapinha trazida sempre oculta sob o negrume do véu”, como descreve Lira Neto na biografia *Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão*, de 2009. Ainda sim, arrisco-me contra minhas suspeitas e convenções a palavrear a Beata porque esta é uma existência que precisa ser dita de alguma maneira.

Não dou voz a Maria de Araújo, pois ela seria insuficiente e inadequada, aliás, não alcançaria todas as nuances que a voz daquela mulher negra teria antes de ser, para um sem-número de anos ao passado e ao futuro silenciada, apagada do presente. Hartman (2020, p.3) é muito enfática: “A sua história, contada por uma testemunha falha, é extemporânea. Seriam necessários séculos para que lhe fosse permitido ‘provar sua língua’”, ou seja, não há como eu saber mais do que aquilo que me foi dado; eu despertengo enquanto testemunha de sua existência, mas talvez seja este despertencer que abre os caminhos possíveis para falar sobre Beata Maria de Araújo. Ofereço-lhe minhas palavras, se a ela servir de alguma forma, para que, ocupando um espaço o qual nunca teve, possa construir a si mesma por meios (im)possíveis.

Hartman (2020) aponta que contar uma história apagada por fatores externos, como a desumanização feminina quando as mulheres são condensadas num parâmetro social por exemplo: uma vítima de crime, uma pessoa escravizada ou um dado estatístico de interesse comunicacional; é um ato de fora (extemporâneo).

Não é possível narrar quem de fato era essa mulher sem ter acesso à sua voz, aos seus pensamentos, aos seus relatos em primeira pessoa, e, no caso da Beata Maria de Araújo, sua narrativa ficou mais prejudicada quando percebi que apenas homens contaram quem era ela, ou ainda apuravam os fatos de maneira errônea. Confina-se aquela persona feminina a um padrão que não contempla, nem minimamente, a sua existência. O que mais me incentivou nessa pesquisa é a quantidade de matérias jornalísticas em que, por muito tempo, a Beata Maria de Araújo tinha seu nome atrelado aos termos “suposto milagre”, “milagre do Padre Cícero” ou identificada de maneira errônea por fotografias (Figura 1), que correspondem a outras mulheres.

O enfoque na figura patriarcal do Padre Cícero, que teve os seus méritos e a sua importância de maneira inegável na estruturação da cidade de Juazeiro e em sua história, compõe um apagamento sistêmico-sintático da própria Beata, cuja existência se mingua diante da dele: ela aparece em segundo plano na história, como acontece com vítimas de feminicídio, que se tornam secundárias nas notícias uma vez que o crime ou o criminoso se tornam maiores que o fato de haver uma manutenção da violência.

Figura 1 – Prints de notícias e textos sobre a Beata Maria de Araújo na Internet



MILAGRE DA HÓSTIA DE JUAZEIRO: A GRANDE POLÊMICA DO PADRE CÍCERO
O notório caso que consagrou o pároco regionalmente envolveu conflitos de interesse até uma viagem para o Vaticano no fim do século 19
CAIO TORTAMANO PUBLICADO EM 05/07/2020, ÀS 07H00

Entenda o que foi o milagre da conversão da hóstia em sangue, tema de questão do Enem
Beata Maria de Araújo virou símbolo do catolicismo no Cariri, no interior do Ceará, ao protagonizar suposto milagre da hóstia que se transformou em sangue na boca dela, ao receber a comunhão de Padre Cícero.
Por g1 CE
14/11/2022 08h41 - Atualizado há 8 meses

Católicos relembram história da beata Maria de Araújo, do caso em que hóstia virou sangue em missa de Padre Cícero, no Ceará
Beata Maria de Araújo virou símbolo do catolicismo no Cariri ao protagonizar suposto milagre da hóstia que se transformou em sangue na boca dela, ao receber a comunhão dada pelo Padre Cícero.
Por Claudiana Mourato, g1 CE
25/05/2022 19h18 - Atualizado há um ano

Fonte: Página “Aventuras na História” e G1 Ceará

Se a história dela é acessada através de uma produção masculina e hegemônica que a faz desaparecer ao ponto de ser confundida com outras beatas, como a Beata Mocinha que foi um tipo de secretária do Padre Cícero, ou com a própria irmã dele (Figura1), o que se pode dizer sobre quem é de fato Maria de Araújo?

Questionei-me diversas vezes ao longo de um ano de pesquisa, sobretudo com a minha orientadora, se nem mesmo a autoria do Milagre da Hóstia é dada a ela, com a exclusividade que este tipo de evento de fé demanda, como posso falar dela?

Estarei eu reproduzindo o posicionamento extemporâneo mencionado pela Hartman, de limitá-la a mim mesma? Entendi, por meio dessas questões, que para falar da Beata Maria de Araújo, e através dela tocar tantas outras mulheres vítimas desse

apagamento sistêmico-sintático, iniciaria minha investigação por aquilo que lhe pertence e tornou-se, com o tempo, o principal foco desse estudo: os lábios da Beata. A boca. Há dois sentidos para ela: a boca representa a palavra não-dita desta mulher e também sugere a oralidade, um dos caminhos para encontrá-la.

Maria de Araújo merece um lugar entre os que formaram Juazeiro e a comunidade negra, isto é fato, e por não poder repassar sua existência em vista da morte e da inexistência de documentos reconhecidamente redigidos por próprio punho, peço licença para tratar deste assunto. Não busco questionar seu milagre, o fato de ser real ou não, tampouco as implicações violentas que sucederam seu martírio por conta daquilo em que acreditava. “A beata Maria de Araújo, que em sua vida foi caluniada de toda a sorte, teve ainda depois de morta violado seu túmulo” (PINHEIRO, 2010). Portanto, a violência do ato errôneo de comunicá-la como secundária de si mesma é o tipo de prática que este estudo não contempla.

A BOCA DE MARIA E O SIGNO

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), apresenta um poema de Jacob Sam-La Rose em sua introdução e, acerca dele, ela desenvolve uma análise importante sobre como aqueles versos se relacionam com a própria vivência dela.

Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, **tampouco permanecer para falar com nossas vozes**. Tudo isso parece estar escrito lá. Ao mesmo tempo, este não é apenas um poema sobre a perda contínua causada pelo colonialismo. É também um poema sobre resistência, sobre uma fome coletiva, **de ganhar a voz, escrever e recuperar nossa história escondida**. É por isso que gosto tanto dele. (KILOMBA, 2019, p.27) (grifos nossos).

De certa maneira, eu sinto algo semelhante quando olho para a fotografia da Beata Maria. Não vejo somente ela em seu rosto, mas também tantas outras mulheres que sofreram ou sofrem semelhante situação de apagamento, de deslegitimação de quem são de fato para além do contexto em que ficaram marcadas. A boca de Maria de Araújo é também a boca de tantas outras. Eu crio um paralelo singular com as fotografias escolhidas pelos jornais para ilustrar as notícias e as reportagens que as delimitam.

Por enquanto, de Maria de Araújo, só temos uma imagem comprovada (Figura 2), mas que fala tão pouco da sua existência, da sua complexidade, daquilo que a fez eterna no silêncio e na História, uma forjadura de imagem branca da freira negra tão distante dela mesma que tentarei, pelos meios que me foram possíveis ao longo de um ano de pesquisa debruçada sobre esta fotografia e os signos possíveis dela, costurar retalhos de memória que ofereçam outras compreensões de sua existência.

Figura 2 – Digitalização da única fotografia confirmada da Beata Maria de Araújo.



Fonte: Acervo Memorial Padre Cícero

A questão que mais me perseguiu ao longo de um ano de pesquisa foi entender por que a boca de Beata sempre se destacava. Mais do que um incômodo, era uma

pergunta insistente sem resposta. Um pedido. Como mencionado antes, e como destaca Lira Neto (2009), quando Maria de Araújo recebia a hóstia e vivia aquele momento único, segundo suas próprias crenças, não dependia do padre que lhe dava; somente dela vivendo aquele ato corpóreo que performatizava tudo aquilo em que acreditava.

Não cabia ao Padre Cícero o ato, tampouco cabe a este trabalho questionar a natureza ou a veracidade do milagre. Por que os lábios? Por que a boca? Entendi que não se trata mais de uma parte do corpo, mas de um símbolo. A Beata Maria de Araújo, sempre lembrada pelo milagre e nada mais do que isso, apenas a mulher de fé que provocou a represália da Igreja Católica, tornou-se a boca que sangra (KILOMBA, 2019). Entender o tornar-se dela este signo fez desta mulher sujeita de sua história.

O signo atravessa o consciente e penetra o subconsciente, mas não é como Freud ensina que acontece, pois é uma boca preta que nos comunica, portanto, Kilomba (2019) me permite entender que ignorá-la é um ato anti-comunicacional e entender seu peso trans-constutivo e trans-formador é a base para uma comunicação afrotópica (SARR, 2019), isto é, que se desvincula do vigente num ato de olhar para o passado, para a fotografia dela e para os seus lábios, e lá encontrar um ponto possível de comunicar.

É importante citar aqui que não vejo o signo como um termo limitado à escrita. O signo, para os fins desta pesquisa, é uma estrutura que cabe em si uma sintaxe social, estabelece conexões com os sujeitos de maneira que sua importância e seu significado se reproduza com eficiência sem maiores explicações. O signo funciona dentro do contexto que produz sua sintaxe, isto é, sua estrutura de significado. Um signo só continua a funcionar porque representa (SANTAELLA, 1995). Para os que não conhecem, ver lábios negros sangrando podem não implicar em nada, mas para os familiares à história e aos sofrimentos de Maria de Araújo, sua boca representa todo o povo, todas as mulheres e o berço de uma cidade inteira. Um parto.

Uma mulher não pode ser comunicada apenas pelos seus atos, tampouco pode ser restrita à imagem escolhida por terceiros para representar sua vivência. Ela se sobressai, sobretudo aquelas vítimas do apagamento sistêmico-sintático, isto é, um esquecimento ou não-menção que é construído por uma estrutura que sustenta as narrativas patriarcais e coloniais e que segue uma série de parâmetros cujas funções redigem, no pensamento e nos meios culturais, o modo como guardamos a memória. Maria de Araújo, a Beata e a mulher negra, acabou se tornando a sua boca pelo tempo e pela forma como a comunicação a levou adiante.

Agora, Maria é o signo que representa a resistência comunicacional.

Uma boca preta aberta em sangue com a hóstia cristã sobre a língua, uma mistura do profano e do sagrado, nos pariu. Só é possível digerir esta informação entendendo o signo “Boca” não como uma parte do corpo. “Seria preciso, então, desestabilizar e transcender a autorização discursiva branca, masculina cis e heteronormativa e debater como as identidades foram construídas nesses contextos (RIBEIRO, 2017, p. 18)”. Ou seja, e aqui me valho do título de Djamila Ribeiro, a boca é o lugar de fala em excelência, um domínio.

Na comunicação, é esperada a relevância da escrita acima do que é dito e do que é demonstrado, representado pelo corpo ou pelo ato coletivo. Os fatos parecem receber mais legitimidade quando redigidos em algum jornal, exposto numa revista ou apresentado por palavras na televisão. A comunicação, no entanto, ultrapassa os termos da linguagem e da escrita uma vez que os sujeitos não se bastam por ela. Todo ato comunicacional demanda um ato performático e a convergência dos dois estrutura o signo. A boca da Beata Maria de Araújo é sua história escrita pelos outros, mas também é o sangue que escorre e ressignifica sua própria existência.

Em outras palavras, me sustento numa análise comparativa entre textos que discutem questões de signo, negritude e que apresentam possibilidades de entendimento do que a Boca de Maria de Araújo implica dentro da comunicatividade e que esta possa revisar panoramas de negritude para transcomunicá-los de uma maneira possível e que fuja do âmbito da violência exposta pela linguagem.

Importante ressaltar o quanto é fundamental para muitas feministas negras e latinas a reflexão de como a linguagem dominante pode ser utilizada como forma de manutenção de poder, uma vez que exclui indivíduos que foram apartados das oportunidades de um sistema educacional justo. A linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser um – entre tantos outros – impeditivo para uma educação transgressora. (RIBEIRO, 2017, p. 17)

É pertinente para qualquer pesquisa em Comunicação associada a pessoas negras considerar a linguagem. Para este estudo, troco o termo “linguagem” como este local de construção de ideias e de repasse, de conexão via oralidade e escrita entre membros falantes, ouvintes e sinalizantes, por “signo” sem prejuízo no raciocínio, pois os signos são tão comunicativos quanto as palavras. O signo não só define como estruturalmente

edifica o pensar, como faz o discurso e as palavras, mas configura a expressão mais subjetiva daquilo que não somos capazes de dizer. E muitas vezes, um signo carrega em si muito mais significado do que as próprias palavras, como a cruz e a espada, a foice e o martelo, uma bandeira nas cores do arco-íris, e, para este trabalho, a boca da Beata Maria de Araújo.

Diana Taylor, em *Atos de Transferência* (2013, p.57), traz uma perspectiva interessante sobre como a escrita não basta ao se tratar dos sujeitos:

O domínio da linguagem e da escrita acabou por significar o próprio significado. Devemos nos lembrar de que práticas reais e incorporadas, não baseadas em códigos linguísticos e literários, não podem reivindicar sentido. [...] Parte do que a performance e os estudos da performance nos permitem fazer, então, é levar a sério o repertório de práticas incorporadas como um importante sistema de conhecer e de transmitir conhecimento. (p.57)

Através desses entremeios, dos ruídos deixados e narrados pelos homens e pelos letrados da época (HARTMAN, 2020), além de outras tantas vozes que falam por ela, essa pesquisa considera que um dos meios para apresentar esta mulher à sociedade e, por conseguinte, oferecer caminhos para outras mulheres negras e em contextos semelhantes aos da Beata, é pelo destaque de caminhos menos violentos e que não as coloquem constantemente associadas a este lugar de violência.

Solitária, dentro de um cenário montado para a fotografia, cuja confluência do observador vai para as suas mãos e o seu rosto de pouca expressão, Maria de Araújo olha para além da sua foto, para quem estiver fora dela e nada diz, nada transmite que seja além da seriedade da sua crença. Mas a composição da imagem (Figura 2) conta-nos muito mais: seu olhar piedoso reflete a vida dedicada aos cuidados de quem mais precisava, segundo os preceitos; as mãos, provavelmente calejadas pelo labor diário, sugerem a força de suas convicções e do quanto precisou batalhar para viver; seu rosto é sereno, uma Nossa Senhora tão negra quanto Aparecida e Monserrat; uma Maria mais próxima do povo, uma Maria que sangrava e, mesmo assim, permanecia serena, sem dúvidas.

Seus lábios insinuam dizer algo, contar sua própria história por suas palavras caso a chance lhe fosse dada, caso soubesse como fazer isso, uma vez que relatos da época narram o fato de ser analfabeta (NETO, 2009). Sua palavra, portanto, se tornou o seu sangue e admitir tamanha verdade, testemunhada por dezenas de pessoas naquela

época (NETO, 2009), teria o peso da aceitação de que Maria de Araújo tem algo a dizer, algo importante, de que ela mesma enquanto preta e sertaneja tem importância.

Era a Maria de Joazeiro e fazia menos sentido caso fosse outra: uma mulher que, de alguma forma, compreendia em suas características os predicados de uma nação fruto de séculos de escravidão e desassistência local.

As imagens, para mim, tal como a oralidade representada nos lábios de Maria de Araújo, mostram possibilidades para a comunicação, que convive num contexto jornalístico. Mas sobretudo aquelas que oferecem interpretações artísticas, uma vez que estas pessoas costumeiramente se guiam por sua própria compreensão de quem é esta mulher. Até o presente momento, tenho encontrado obras que se assemelham num aspecto: destacam a boca de Maria e o fato de, em algumas artes, não haver mais nada em seu rosto além da boca é uma oposição à máscara de silenciamento (KILOMBA, 2019).

Sobre este instrumento de tortura, previamente descrito para ser encaixado no interior da boca do sujeito negro, Grada afirma:

Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores *brancos* para evitar que africanas/os escravizadas/os comecem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. (KILOMBA, 2019, p.33)

Para esta autora, a boca simboliza a fala e a enunciação. Autorizar, portanto, que uma mulher preta e cerne de um milagre cuja matriz de fé gira em torno de uma religião patriarcal e masculina é dar a ela o protagonismo. No entanto, por mais que se busquem os caminhos para silenciar Maria ao extemizar sua narrativa, os fatos escapam e é assim que ela resiste. A boca é especialmente mais forte ao sangrar.

Eu vejo paralelos entre a fotografia de Maria de Araújo e a gravura de Anastácia presente no livro *Memórias da Plantação*, de Grada Kilomba (2019).

Apesar dos olhos da sujeita escravizada desafiarem quem a observa naquele desenho, Maria também desafia com os seus lábios que sangram, já que a máscara do apagamento forjada pelos que desacreditaram em seus fatos, incontáveis vezes testemunhados e repetidos em relatos com os mesmos aspectos, não foi o bastante para conter suas verdades: como dito antes, quando as palavras perderam a credibilidade, o

sangue performatizava o seu contra-silenciamento. Sangue e oração saem da boca enquanto lugar do incontrolável, para além das violências.

A boca da Beata, portanto, torna-se este território sem domínio. Se seu sangue foi a forma como ela encontrou de comunicar sua fervorosidade, manter esta boca fechada numa fotografia é a máscara que a escraviza. Nós, do Juazeiro do Norte, constantemente pensamos no Padre Cícero como o Patriarca que conduz o povo para dias prósperos, mas esquecemos que tivemos mãe e que elas nos pariu pela boca. É implicante e transutópica esta imagem: uma cidade nascendo a partir do sangue que jorra da boca de uma preta. Implicante porque, pelo consenso, não é por aí que se nasce alguém, mas transutópico porque transgride, foge do esperado, desafia a normatividade imposta e recria este imaginário.

Se a máscara de Anastácia para Kilomba implica em controle, posse e silenciamento, a boca de Maria significa enfrentamento, escape pelos cantos, os ruídos inevitáveis que o apagamento não dá conta. Ela não é mais uma projeção da branquitude que a quer dominar, mas o desafio ao controle. Um desafio ao ato da comunicatividade. Não se trata de uma ferida que verte indefinidamente após o sofrimento, mas a boca de Maria sangra porque comunica. Não é suficiente que o signo se limite, portanto, à palavra, nem ao corpo, não pode ser só um ou só o outro, pois a Boca é lugar da comunhão, da comunicação; é comunidade.

Mesmo indigna na opinião construída por uma sociedade que há pouco deixara de escravizar pessoas da mesma cor que ela, que enxergava os negros e as negras não como pessoas, mas ferramentas para todos os fins; para uma sociedade que até 1882 desfrutava do privilégio de decidir sobre a vida negra ao condicioná-la à posse como se faz com animais, e talvez aos próprios olhos de si mesma, Maria de Araújo se viu como centro de um evento surpreendente e místico que só podia ser definido por uma palavra. Milagre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

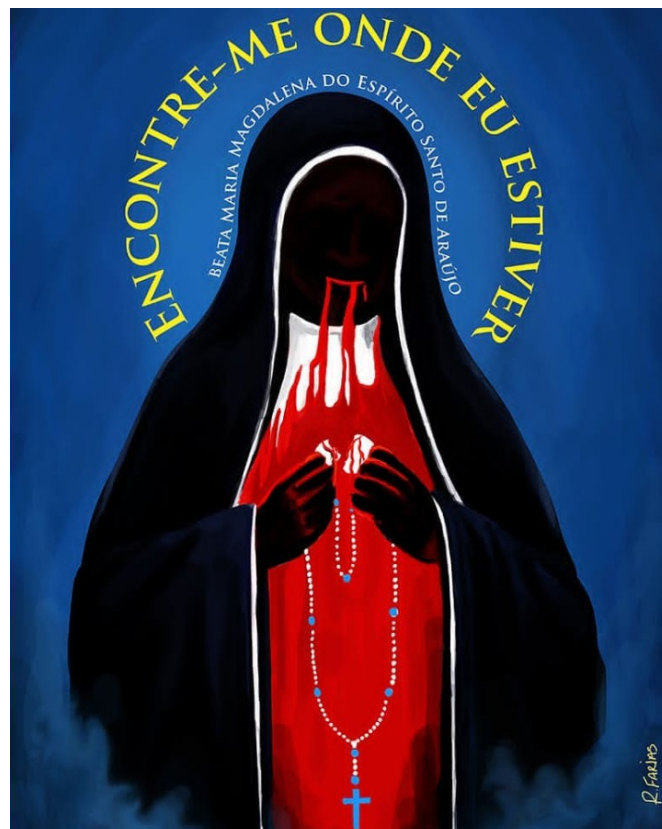
Quando pensei em seu milagre, a imagem inicial comunicada é das mãos de um padre e entre seus dedos a hóstia ensanguentada, enquanto Maria de Araújo está aos pés desse padre, quase sempre sendo Cícero. O milagre nos é contado assim. “O Milagre da Hóstia”, nunca é o “Milagre da Beata Maria” e pode parecer uma bobagem este jogo de

palavras, mas é justamente na imagem impregnada e imposta em nossa mente que reside o problema discutido por Djamila Ribeiro (2017) no tópico anterior em que descreve a questão da linguagem. Uma barreira de entendimento.

A boca miraculosa, então, é lugar de transubstanciação, de transgressão e, por que não dizer, de possibilidade transatlântica. Imaginar que as bocas violentadas nos porões dos navios negreiros, numa viagem forçada entre África e Brasil, podem ter no milagre da Beata vestígios do vivido em mares atlânticos, é também imaginar o poder transfigurador afrodiaspórico em território cearense. As lacunas dos documentos sinalizam para personagens como Maria, que, longe de ter sua biografia escrita e organizada como vemos acontecer com personagens patriarcais, trazem, por vestígios do corpo, a comunicação incontrolável pelos lábios.

Tratar o milagre pelo seu objeto e não por sua autoria é renegar a mulher preta o lugar de sujeição e de irrelevância e negar a prioridade sobre algo que ocorria dentro de sua boca é violento como o ato de profanar seu túmulo, pois permitimos que gerações iniciem e acabem pensando na Hóstia, não na Maria.

Figura 3 – Encontre-me onde eu estiver



Fonte: Perfil Pessoal de Reginaldo Farias

Kilomba (2019), Ribeiro (2017) e Hartman (2020) foram, em densa leitura, meus nortes para entender por que os lábios de Maria tanto me perturbavam, o fato de sangrarem em contato com o divino, o fato de quererem trancá-los para que os boatos fossem contidos. Seus pensamentos, porém, não são únicos a me guiar no entendimento da Boca como este signo do brutal, do profano, do não-dito e do não-silenciado, de sangrar o discurso quando não é possível tratar de outra maneira.

A boca da Beata é o traço de existência de uma mulher por inteiro, mas também pelos pedaços os quais são lembrados (Figura 3) ao invés de um comprovante de venda, um atestado de óbito, um número numa estatística bimestral sobre violência contra a mulher, um nome numa notícia ou uma fotografia amarelada.

Porque é assim que a mensagem da Beata, e de tantas outras Marias, chega até nós: essa boca preta continuará sangrando enquanto a ela não dermos ouvidos.

REFERÊNCIAS

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

HARTMAN, Saidiya. **Venus in Two Acts**. In: Small Axe, Volume 12, no. 2, pp. 1-14. Copyright 2008, Small Axe. Tradução: Fernanda Silva e Sousa, Marcelo R. S. Ribeiro, 2020.

NETO, Lira. **Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri** (Coedição Secult/Edições URCA - Fortaleza: Edições UFC, 2010. Fac-símile da edição de 1963 publicada pela Imprensa Universitária do Ceará). Trecho disponível em <<http://oberronet.blogspot.com/2016/01/beata-maria-de-araujo-no-livro.html>> Acesso em 10 de Julho de 2023.

Reginaldo Farias. Desenho Digital. Perfil Pessoal do Artista. 23 de Maio de 2019. Menção. **Encontre-me onde eu estiver**.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**: semiose e autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

SARR, Felwine. **Afrotopia**. Paris: Éditions Philippe Rey, 2016. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 1ª ed, 2019.

TAYLOR, Diana. **Atos de Transferência**. In: _____. *O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas*. Editora UFMG, 2013.